



# O DESASTRE DAS TARIFAS

O Prêmio Nobel de Economia alerta para os perigos do autoritarismo, critica o protecionismo de Trump e defende um novo modelo de capitalismo capaz de reduzir as desigualdades no mundo

PEDRO GIL

**AOS 82 ANOS**, o americano Joseph Stiglitz continua sendo uma das vozes mais influentes da economia mundial. Em entrevista exclusiva a VEJA, o ex-economista-chefe do Banco Mundial e ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 2001 fala sobre *O Caminho para a Liberdade*, livro lançado em 2024 e traduzido recentemente para o português. A obra nasceu em meio à intensa polarização política no mundo e o avanço do

autoritarismo nos Estados Unidos. Nela, Stiglitz procura recolocar a liberdade no centro do debate público, observando com preocupação o cenário dos Estados Unidos. “Estamos escorregando para o autoritarismo”, afirma. Ainda assim, ele mantém certo otimismo. Stiglitz acredita que o desgaste do atual sistema político e econômico mundial pode abrir espaço para uma nova ordem, mais equilibrada, mais inclusiva e, afinal, mais

democrática. Confira os principais trechos da conversa.

**O que o motivou a escrever *O Caminho para a Liberdade*?** Os Estados Unidos têm passado por muitas controvérsias em torno da noção de liberdade e quais são seus limites. Em todos os casos, fica claro que a noção de liberdade de uma pessoa interfere na de outra. Ou seja, não se pode ter uma noção de liberdade absoluta. Eu esperava que

o livro ajudasse os democratas a vencer a eleição. Era meu sonho mais otimista. Evidentemente, não funcionou. Mas, por um tempo, Kamala Harris (*candidata democrata à presidência*) fez da liberdade o centro de sua campanha. Então, de certa forma, a obra teve algum impacto no debate público.

**O que significa ser livre?** A direita conservadora não compreende bem esse conceito. Há um grupo forte nos Estados Unidos, os libertários, que acham que sabem o que é liberdade. Na minha visão, eles não entendem de fato, especialmente como a liberdade de uma pessoa pode afetar a de outra. Nós, democratas, temos uma compreensão melhor do que liberdade realmente significa.

**O que é exatamente?** Se alguém está à beira da fome, essa pessoa não é verdadeiramente livre. Liberdade tem a ver com o seu potencial de realização, com sua capacidade de viver plenamente com as escolhas que você tem e com o conjunto de oportunidades disponíveis.

**As redes sociais precisam ser controladas de alguma forma?** Não existem direitos absolutos. Por exemplo, na minha visão, o direito de portar um rifle AK47 tira o direito de outras pessoas viverem. E eu não vejo nenhum valor nisso. Então, essa é uma decisão fácil. Mas algumas questões sobre liberdade de expressão são mais difíceis, como a regulamentação das redes. Nós, como sociedade, já tomamos algumas decisões que, acredito, representam esse tipo de equilíbrio.

**Que decisões foram essas?** Pornografia infantil não é permitida. Então, identificamos algumas circunstâncias em que, mesmo sendo muito apegados à liberdade de expressão reconhecemos que certos tipos de discurso causam danos sociais e tomamos atitude

## “Se alguém está à beira da fome, essa pessoa não é livre. Liberdade tem a ver com o seu potencial de realização, com sua capacidade de viver plenamente com as oportunidades disponíveis”

quanto a isso. O mundo mudou. É difícil encontrar o equilíbrio entre restrição e censura, mas é possível.

**Esse argumento não pode ser usado por governos autoritários para justificar a prática da censura?** É um risco real, mas governos autoritários vão fazer o que quiserem de qualquer forma, do jeito que entenderem. Nós, democratas, precisamos construir instituições que funcionem para nós, reconhecendo que, se nos tornarmos autoritários, tudo estará perdido.

**Há uma escalada autoritária em curso nos Estados Unidos?** Estamos escorregando para o autoritarismo. Há, claramente, uma tentativa de restringir nossa liberdade de expressão. Mas isso não é feito da maneira que estamos acostumados. O que se tenta fazer agora é restringir o fluxo de informação, com ataques ao jornalismo profissional e às universidades. Os Estados Unidos ainda não são um regi-

me autoritário de fato. Mas está muito claro que o país passou a adotar práticas autoritárias.

**A desigualdade nos Estados Unidos voltou a crescer. O que está dando errado no país?** Muitas coisas. Falhamos em aplicar de forma eficaz políticas antitruste, porque há oligarcas ao redor do presidente Trump. Falhamos em conter o poder do dinheiro na política, o que permitiu regras que favorecem os ricos a ficarem ainda mais ricos. Falhamos em ter um sistema educacional de qualidade. Falhamos em implementar impostos sobre herança adequados, o que perpetua a situação de desigualdade. Não temos uma tributação progressiva.

**O Brasil está discutindo uma reforma tributária que trata dessas questões, mas tem enfrentado resistências. O que podemos aprender com a experiência americana?** Nos Estados Unidos — e imagino que no Brasil também —, as pessoas no topo pagam menos impostos do que aquelas um pouco abaixo. Tributamos o capital menos do que tributamos o trabalho, o que significa que os ricos ficam mais ricos e os trabalhadores têm dificuldade para ascender. É natural que isso gere resistência. Para reduzir desigualdades de forma eficiente, porém, precisamos endereçar também o mercado de trabalho.

**De que forma?** Muitos americanos comuns não estão recebendo a educação necessária para serem produtivos na sociedade como poderiam ser. E isso leva a salários mais baixos. A globalização forçou nossos trabalhadores a competir com mão de obra barata de outros países, mas não lhes demos as habilidades para se atualizarem.

**O senhor se define como um “capitalista progressista” e defende um modelo econômico baseado no mer-**

**cado, mas comprometido com justiça social. Há espaço para isso no mundo atual?** Sim, sou um otimista. Há muito descontentamento com a versão atual do capitalismo. Quase todo mundo concorda que não está funcionando. A expectativa de vida está caindo, a polarização está aumentando, o crescimento está em queda. Falamos sobre uma economia inovadora, mas isso não aparece nas estatísticas do PIB.

**Esse desalento não explica a eleição de políticos com inclinações autoritárias?** Esse é um risco. Trump, na realidade, é reflexo desse descontentamento. Ele responde a isso tirando proveito, usando o desalento para seus próprios interesses e os de seus amigos oligarcas — mas essa estratégia não vai entregar resultado. Uma alternativa ao descontentamento é o capitalismo progressista. Essa é uma resposta genuína, que realmente pode abordar as causas do problema.

**Como avalia o impacto das tarifas comerciais impostas pelos Estados Unidos a países como Brasil?** Um desastre. Isso implodiu as regras do jogo do comércio internacional, que é algo que tentamos construir há 80 anos. A bem da verdade, os Estados Unidos e a Europa já minavam as bases do comércio internacional, ao serem injustos com países em desenvolvimento e mercados emergentes, em benefício de suas corporações e grandes instituições financeiras. Agora, Trump diz que essas regras são injustas com os Estados Unidos, o que é irônico e absurdo. Quem deveria estar reclamando — e não é de hoje — é o resto do mundo.

**O que vai ditar o comércio internacional no novo cenário?** A força. Trump quer usar o poder dos Estados Unidos para abocanhar uma fatia maior do valor gerado pelas cadeias

globais de produção. Penso que, ao fazer isso, seremos os mais prejudicados, mas o mundo todo também sofrerá, especialmente com a desintegração global.

**Quais as consequências dessa nova ordem econômica global?** Trump está introduzindo uma enorme incerteza no mundo. E empresas não gostam disso. Ele também está gerando enorme antipatia e desconfiança. O Canadá, por exemplo, nem precisa impor tarifas contra os Estados Unidos, porque os canadenses não querem comprar produtos americanos. Estão ressentidos. Além disso, o setor de serviços, como educação e turismo, está prejudicado. Nessas duas áreas, Trump deu um tiro no pé. Ninguém vai querer vir para cá — nem para passear, nem para estudar.

**Trump subestimou o impacto da política protecionista?** As tarifas vão levar a preços mais altos. Isso não acontece imediatamente. O aumento das taxas foi relativamente modera-

**“Estou preocupado com o que está acontecendo nos Estados Unidos na gestão Trump. A democracia americana está sob ataque. E, para ser franco, não sei se ela vai sobreviver”**

do, ou seja, o latido foi pior que a mordida. E, quando confrontado com um governo forte como o da China, Trump amarelou. Agora, o que vai acontecer é que os países vão reorganizar suas cadeias de suprimentos para reduzir o poder dos Estados Unidos. Então, no fim das contas, vamos sofrer tanto com preços mais altos quanto com perda de influência.

**A política protecionista pode desencadear uma nova guerra comercial?** Muitos países não querem entrar em uma guerra comercial com os Estados Unidos, então eles aceitam negociar certas coisas, como promessas de investimentos e compras de produtos americanos. Mas são promessas falsas para agradar o tirano. Os países que fazem esses acordos têm uma economia centralizada. Em economias liberais, são decisões individuais de empresas e famílias que determinam investimentos e compras.

**Qual o papel das economias emergentes, como o Brasil, na reconfiguração da nova ordem econômica global?** Fundamental, porque esses países representam uma fração muito grande dos negócios. E Trump não entende isso. Os Estados Unidos representam 13% do comércio global, mas essa fração já foi de 20%. Em termos econômicos, não somos mais a superpotência que éramos. Depender dos Estados Unidos é arriscado. Haverá uma nova ordem. E os Estados Unidos serão os grandes perdedores.

**O senhor é otimista quanto ao futuro das democracias ocidentais?** Estou particularmente preocupado com a democracia, dado o que está ocorrendo nos Estados Unidos sob a administração Trump. É um governo que tenta descredibilizar a imprensa e as universidades. A democracia americana está sob ataque. E, para ser franco, não sei se ela vai sobreviver. ■